

SEGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL, OPORTUNIDADES ESCOLARES E PATRIMONIALISMO – SOBRE A CONSTRUÇÃO DE HIERARQUIAS INTERNAS AOS SISTEMAS PÚBLICOS DE ENSINO

Julia Tavares de Carvalho

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em
Educação/ UFRJ e professora do CAp/UERJ.

Karina Riehl de Souza Almeida

Mestre em Educação pela UFRJ.

Mariane C. Koslinski

Professora do Programa de Pós-Graduação em
Educação/ UFRJ.

Marcio da Costa

Professor do Programa de Pós-Graduação em
Educação/ UFRJ.

RESUMO

O trabalho a seguir se dedica a apresentar resultados de uma pesquisa que se desenrola em várias áreas do Rio de Janeiro, buscando conhecer a estrutura de oportunidades educacionais oferecidas aos estudantes usuários do sistema municipal de ensino. O título sugere uma abrangência maior que o alcance do estudo aqui exposto. Há, contudo, convicção de que o caso sob nosso foco pode fornecer elementos de compreensão para a forte diferenciação entre escolas que compõem os sistemas públicos de ensino no Brasil.

Palavras-chave: Oportunidades educacionais. Segmentação socioespacial. Sistemas públicos de ensino.

INTRODUÇÃO

Alguns estudos (COSTA & KOSLINSKI, 2008, 2011; BRUEL & BARTHOLO, 2011; KOSLINSKI et al., 2014; KOSLINSKI & CARVALHO, 2015; ROSISTOLATO et al., 2016) expõem evidências de que há forte desigualdade nas chances de acesso às poucas escolas públicas municipais de Ensino Fundamental que gozam de reputação destacadamente favorável em meio à população e, consonantemente, desempenho relativo satisfatório nas aferições através de testes de avaliação externa. Há boas razões para acreditar que o conceito de “ecologia do mercado escolar” é adequado para expressar o contexto em foco, caracterizado pela existência de algumas escolas destacadas por sua proficiência média, em meio a pequenos agrupamentos de outras de desempenho marcadamente inferior, formando como que um “ecossistema” com equilíbrio próprio. A analogia com o campo da biologia – sem flertar com a vocação por tomar esquemas sociais como semelhantes a sistemas orgânicos – busca exprimir a tendência a que certo equilíbrio se estabeleça ente demanda e oferta, em contextos de cobertura plena no Ensino Fundamental, considerando hierarquias sociais e escolares dadas (YAIR, 1996; VAN ZANTEN, 2005). No formato descrito por Yair (1996), de quem tomamos a acepção específica do termo “ecologia” por empréstimo, é plausível pensar que, diante de uma estrutura de oferta de um conjunto de escolas hierarquizado quanto à qualidade/reputação, com pleno atendimento da demanda potencial, se estabeleça tal equilíbrio, no qual algumas escolas podem aplicar filtros seletivos a seus candidatos a alunos, dado que tais terão seu atendimento assegurado por outras escolas que não podem se dar ao “luxo” de escolher alunos mais “ensináveis”. Tem sido registrado que o Rio de Janeiro apresenta condições peculiares para o estudo desse fenômeno, dada a incomum distribuição espacial de sua população, permitindo conviver em espaços próximos pessoas de meios sociais muito diferentes (RIBEIRO et al., 2010; RIBEIRO & LAGO, 2001).

Com uma rede escolar municipal bastante abrangente (mais de mil escolas, sendo mais de setecentas do Ensino Fundamental) e quase exclusividade no atendimento público aos dois segmentos do Ensino Fundamental, a cidade do Rio de Janeiro oferece oportunidades escolares muito amplas e diversas, somadas à possibilidade de que haja convivência de alunos provenientes de estratos sociais bem diversos. Há, porém, uma ressalva quanto a essa diversidade potencial. Estratos mais abastados e médios da sociedade são, quase que exclusivamente, atendidos por escolas particulares ou pelas pouquíssimas escolas federais. Resta, contudo, grande diversidade socioeconômica entre a imensa maioria da população que é atendida pela rede municipal de ensino, que atende a aproximadamente 67 % da demanda escolar no Ensino Fundamental do município.

A diversidade na população atendida na rede municipal, conforme se verá adiante também na pequena amostra aqui utilizada, se dá com referência a aspectos socioeconômicos, culturais, de escolaridade familiar, mas também com relação a locais de residência, além das imensas variações propriamente individuais quanto às capacidades cognitivas – que não serão abordadas aqui. Destacamos, porém, um elemento da desigualdade presente no processo estudado que remete à polêmica e instigante ideia de “desigualdades duráveis”, desenvolvida por Tilly (1998). Em seu ensaio sobre desigualdades que seriam mais bem tratadas categoricamente/dicotomicamente, em oposição a um gradiente, Tilly alerta para uma possibilidade analítica que aparece em nosso tratamento empírico da questão, a saber: a dicotomia entre moradores de favela e “do asfalto”, no Rio de Janeiro e, provavelmente, no Brasil. De alguma forma, tanto o trabalho de Elias e Scotson (2000) quanto o de Tilly podem ser tomados como complementares – não quanto aos modelos sociológicos gerais construídos pelos autores – no desafio de compreender situações em que distinções com linhas demarcatórias nítidas podem ser úteis na explicação sociológica.

Esse artigo trabalha sobre duas explorações iniciais feitas em um banco de dados fornecido pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Trata-se de um conjunto de informações tão rico quanto complexo em seu tratamento, haja vista que são dados armazenados com finalidades primeiramente administrativas. Assim, sua conversão em formatos adequados à análise estatística com fins de pesquisa sociológica é tarefa árdua e de longa duração. As bases de dados contemplam informações sobre a vida escolar de alunos e alguns de seus aspectos familiares, em uma série histórica iniciada em 2003. Tais bases são a fonte do Censo Escolar, operado pelo INEP/MEC. Optamos, assim, por começar focando em algumas áreas geográficas da cidade, testando nossas hipóteses e aprimorando nossa capacidade de manusear o conjunto de informações.

Os estudos exploratórios se concentraram em duas áreas próximas entre si, que contemplam boa diversidade socioeconômica entre escolas. A dimensão territorial ganhou, assim, desde o início, destaque em nosso recorte do problema. O problema em si é a desigualdade de oportunidades escolares, também já explorada na forma dos fatores condicionantes das probabilidades de transferência de alunos entre escolas dessa rede pública (BRUEL & BARTHOLLO, 2011). Como hipótese geral de conjunto da pesquisa, foi concebida a perspectiva de que a burocracia escolar joga papel decisivo na estrutura da desigualdade de oportunidades educacionais, acrescentando capacidade explicativa aos clássicos modelos centrados na família em suas mais distintas vertentes (FORQUIN, 1995; BERENDS, 2009). Já como hipótese particular, a ideia de que a condição de residência, com forte estigmatização de parcela de seus habitantes residentes em áreas de urbanização precária, pode influir nas oportunidades educacionais.

Apresentamos, primeiramente, um retrato da distribuição espacial de alunos de um conjunto hierarquizado de escolas, em uma área específica. Seguimos com um mergulho mais detido na movimentação de alunos entre escolas, quando da transição entre o primeiro e o segundo segmento do Ensino Fundamental, igualmente retratando seu fluxo, e trazendo a percepção dos atores centrais da burocracia escolar quanto ao perfil do seu alunado.

MECANISMOS DE DISTRIBUIÇÃO DE ALUNOS EM UMA REDE ESCOLAR: ALGUMAS EVIDÊNCIAS

A Secretaria Municipal de Educação em questão não adota políticas que incentivem a escolha de estabelecimentos escolares, tampouco limita a matrícula às escolas próximas ao local de moradia dos alunos¹. Apesar de haver uma série de regras a serem seguidas nos procedimentos de matrícula, existe certo grau de autonomia da gestão nas escolas no que se refere aos procedimentos de distribuição de vagas.

Até 2010, o ato de matrícula dos estudantes na rede municipal de ensino podia ser feito, quando da troca compulsória de escola, em geral ao final do primeiro segmento, mediante o preenchimento da chamada “lista tríplice”, em que os pais listavam três escolas de preferência para matricular seus filhos; nos polos de matrícula – composto de um conjunto de escolas localizadas próximas geograficamente; ou na própria escola, no período de matrícula ou durante o ano letivo. Se o aluno já fosse estudante da rede, a própria escola era responsável pelo remanejamento do mesmo. Mas no caso de maior demanda do que oferta de vagas, não havia uma regra clara sobre como a direção das escolas deveria proceder, o que possibilita que sejam evitados alunos “indesejados”².

1. * Famílias são livres para escolher um estabelecimento escolar em qualquer localidade da cidade, visto que os estudantes da rede municipal recebem da Prefeitura da cidade o RioCard, cartão que lhes permite utilizar meio de transporte público sem nenhum custo para percorrer o trajeto casa-escola.

2. Desde 2011, um sistema informatizado cumpre o papel de encaminhar os estudantes para uma das escolas de sua preferência, indicada em uma lista com três a cinco opções.

Os dois estudos aqui conjugados tentaram compreender a segmentação escolar a partir de investigações sobre os processos que condicionam o acesso a escolas de alta qualidade relativa, de primeiro e de segundo segmento do Ensino Fundamental. Para tanto, contaram com as bases de dados da Prova Brasil (2009), bem como um banco de dados da Secretaria Municipal de Educação do município do Rio de Janeiro, com informações sobre perfil escolar e profissional dos pais de alunos, trajetória escolar e fluxo entre as escolas da rede municipal de educação.

O primeiro estudo investigou padrões de distribuição de alunos de acordo com o local de moradia, principalmente em termos da dicotomia alunos “da favela” e “do asfalto”. Já o segundo estudo procurou desvendar os padrões do fluxo de alunos entre escolas de primeiro e segundo segmento do Ensino Fundamental e a percepção dos atores centrais da burocracia escolar sobre o perfil do seu alunado¹.

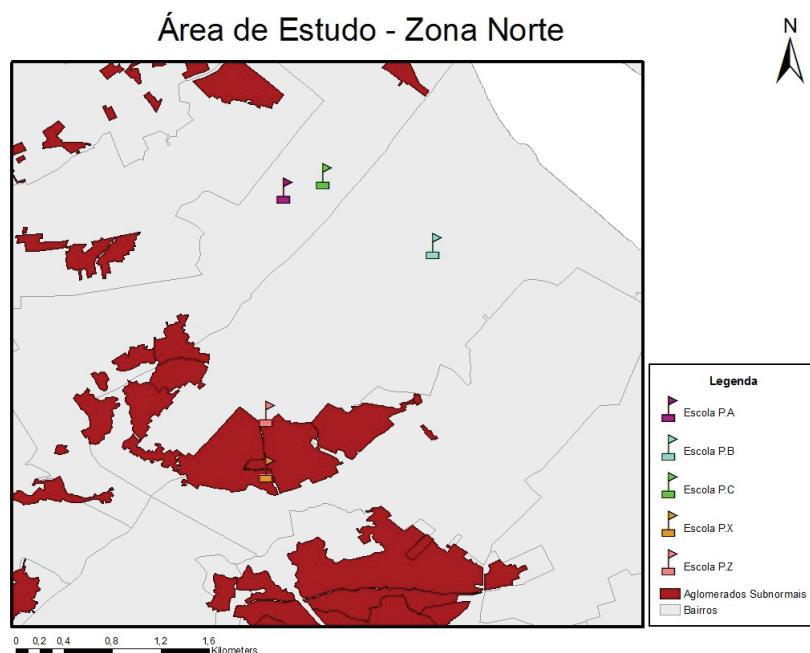
1. Outros estudos expõem as justificativas e motivações apresentadas pela gestão escolar para selecionar um corpo discente com determinado perfil. Tais evidências visam contribuir para esclarecer o processo de movimentação dos alunos entre as escolas aqui estudadas.

O ponto de partida foi a escolha de escolas localizadas na Zona Norte do Rio de Janeiro que se destacaram entre as demais da região por apresentarem alta performance na Prova Brasil. As demais escolas, próximas geograficamente e/ou pertencendo ao mesmo polo de matrícula, apresentaram grande variação em relação à escola central em termos dos resultados alcançados na Prova Brasil e do perfil do alunado que recebem.

O primeiro estudo focaliza processos territoriais e se concentrou em escolas “P. C” da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A região foi escolhida por abarcar a escola denominada de “P.A”, que em 2009 obteve um dos mais elevados IDEB do Estado do Rio de Janeiro e tornou-se destaque nos principais meios de comunicação. Os alunos contemplados na amostra estavam, em 2010, no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Se observarmos, na Tabela I, o desempenho médio da escola “P. A” na Prova Brasil, dos anos 2005, 2007 e 2009, podemos perceber que esta tem um desempenho de destaque entre as demais escolas da região. As escolas “P. B” e “P. C” são bastante próximas à escola “P.A”, e poderíamos esperar que apresentassem um alunado e performances similares à escola “P. A”. As escolas “P. X” e “P. Z” também são próximas à escola central, mas estão localizadas dentro e/ou próximas de um complexo de favelas das redondezas dos bairros estudados. A distância entre as cinco escolas não ultrapassa dois quilômetros e meio, como é possível observar no Mapa 1.

MAPA 1. Localização das escolas



A Tabela 1 mostra diferenças entre as escolas:

TABELA 1. Descrição das escolas de acordo com o número de alunos, alunos geocodificados, Prova Brasil Padronizada, Cor, Escolaridade da mãe e moradia na favela

Escola	Alunos no banco de dados	Alunos Geo codificados	Prova Brasil Padronizada (média 2005, 2007 e 2009)	Cor Branca (%)	Escolaridade da mãe (%)	Mora na favela? (%)
P. A	21	21	7,23	57,1	66,6	14,3
P. B	63	63	6,07	51,6	53,3	3,2
P. C	71	70	5,04	53,5	28,5	13,0
P. X	56	53	3,96	31,5	1,9	98,2
P. Z	134	130	4,87	29,1	26,9	88,5
Total	345	337				

Fonte: Banco de dados SME e Prova Brasil (MEC/INEP).

Nota: A variável escolaridade da mãe se refere a % alunos cujas mães tinham segundo grau ou ensino superior completo.

No que diz respeito aos resultados na Prova Brasil, observamos clara hierarquia entre as escolas: “P. A”, seguida pelas escolas “P. B” e “P. C”. As escolas localizadas perto/dentro da favela apresentaram os piores resultados: “P. Z” com resultado próximo a “P. C”, e a escola “P. X” com resultado bem inferior às demais.

No que diz respeito à variável cor, pode-se observar que as três escolas com melhor desempenho têm mais da metade de seu corpo discente composto por alunos declarados de cor branca. Já nas duas escolas localizadas nas favelas, menos de um terço dos alunos são brancos.

Em relação à variável escolaridade materna, podemos observar que na escola “P. A”, dois terços das mães dos alunos possuem Ensino Superior ou segundo grau completo. Esta é seguida pela escola “P. B”, que apresenta um pouco mais da metade das mães com este nível de escolaridade. Já as escolas “P. C” e “P. Z” apresentam porcentagens similares de mães com Ensino Superior e segundo grau - 28,5% e 26,9%, respectivamente -, mas diferenças expressivas quanto à cor e ao local de residência. Por fim, a escola “P. X” apresenta a menor porcentagem de pais com alta escolaridade, apenas 1,9%.

A relação entre a escolaridade dos pais e os resultados escolares no nível do aluno, bem como no nível agregado da escola, já foi amplamente observada em pesquisas internacionais e estudos realizados no contexto brasileiro (SOARES & BROOKE, 2008; FORQUIN, 1995; FRANCO & ALVES, 2008). Estudos realizados no contexto brasileiro apontam que a escolaridade dos pais e a cor dos alunos também são fatores associados ao acesso e permanência em escolas de alto desempenho (SOARES & ALVES, 2007; COSTA & KOSLINSKI, 2011; BRUEL & BARTHOLO, 2011). Esta relação se deve, em parte, à capacidade das mães mais escolarizadas de escolherem escolas de melhor qualidade ou desempenho. Esta hipótese já foi discutida por uma ampla literatura sobre a escolha de estabelecimentos escolares (NOGUEIRA, 1998; BERENDS & ZOTTOLA, 2009; HOLME, 2002; BELL, 2008). No entanto, podemos aventar que a distribuição desigual do alunado entre as escolas de acordo com características de cor, local de moradia e de escolaridade dos pais pode estar relacionada a procedimentos de seleção utilizados pelas escolas, frente às brechas dos procedimentos de matrícula.

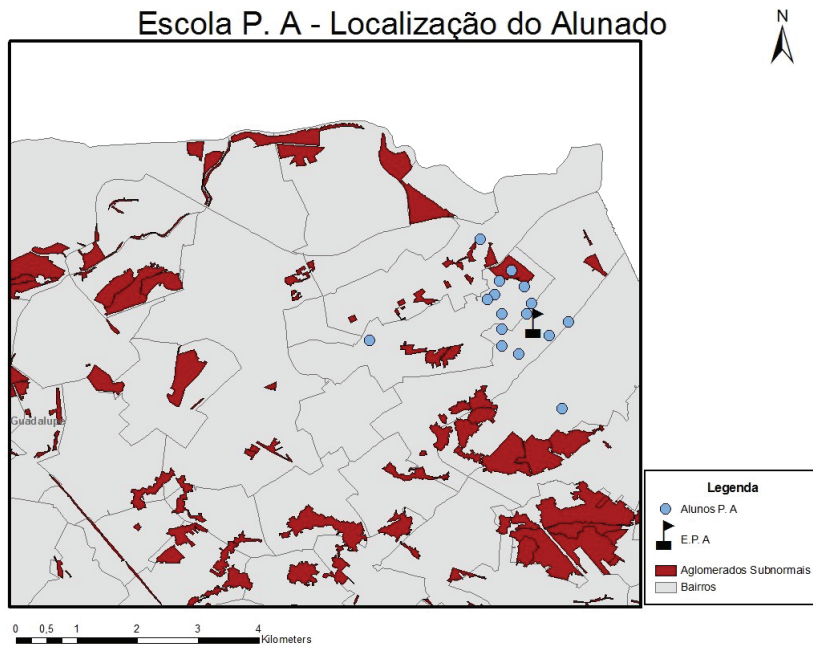
1. A partir do Banco de Dados da Secretaria Municipal de Educação tivemos acesso ao endereço dos alunos e pudemos geocodificá-los, utilizando o Sistema de Informação Geográfica (SIG). Somente oito alunos, entre os 345 estudados, não foram encontrados.

Por fim, a variável relacionada ao local de moradia dos alunos¹ revela uma diferença marcante da composição do alunado das escolas. Na última coluna da tabela¹, observa-se que nas escolas “P. A”, “P. B” e “P. C” a maioria dos alunos não reside em favela, enquanto nas outras duas escolas, “P. X” e “P. Z”, quase todos os alunos residem em favelas.

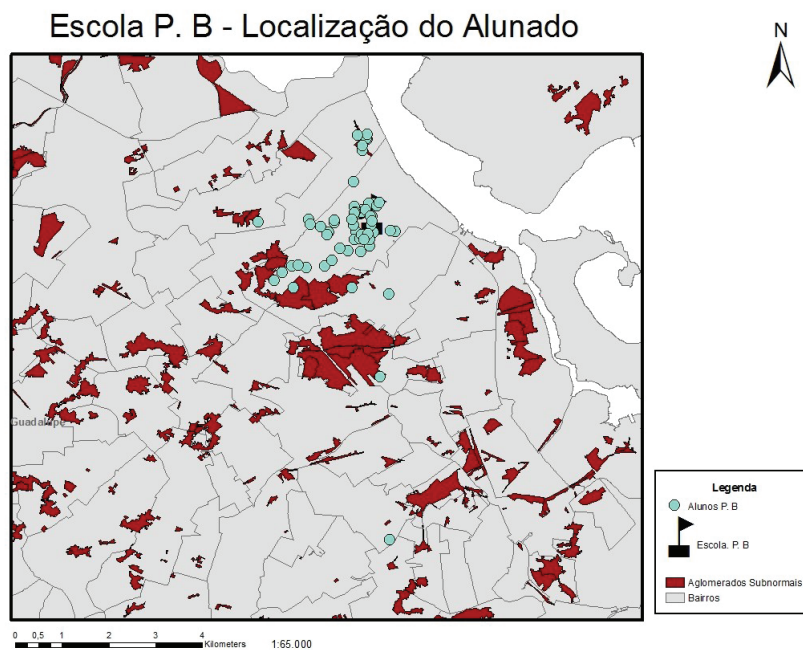
2. Esta tendência foi observada no município do Rio de Janeiro, onde a matrícula é livre, bem como no município de Belo Horizonte, em que a matrícula é restrita ao local de moradia dos alunos.

Estudos realizados no contexto brasileiro mostram que as escolas de “melhor qualidade” ou com maior desempenho tendem a receber alunos de localidades mais distantes (Alves, 2010; Soares e Alves, 2007). Tal tendência é explicada pelo investimento dos pais à procura de escolas de melhor qualidade². Assim, poderíamos esperar que a escola “P. A”, por se tratar de um bem escasso (escola pública municipal de bom desempenho) tenha um alunado mais disperso e que reside mais longe da escola. No outro extremo, poderíamos esperar um alunado mais concentrado no entorno da escola para a escola “P. Z” e, principalmente, para a escola “P. X”. Para testar esta hipótese, confeccionamos mapas para podermos visualizar como ocorre a dispersão do local de moradia do alunado de cada escola. Nos Mapas 2, 3 e 4 podemos observar onde residem os alunos das escolas “do asfalto”:

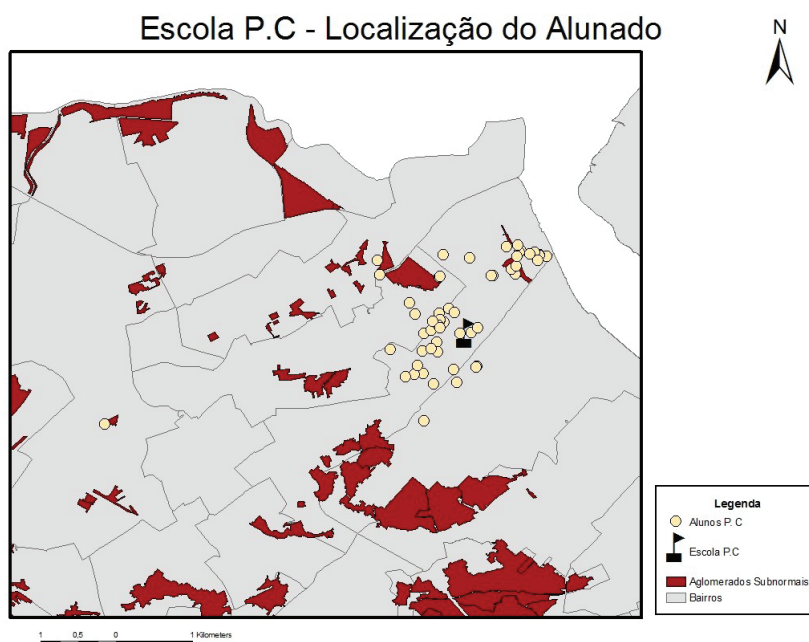
MAPA 2. Local de moradia dos alunos da Escola “P. A”



MAPA 3. Local de moradia dos alunos da escola “P. B”



MAPA 4. Local de moradia dos alunos da escola “P. C”

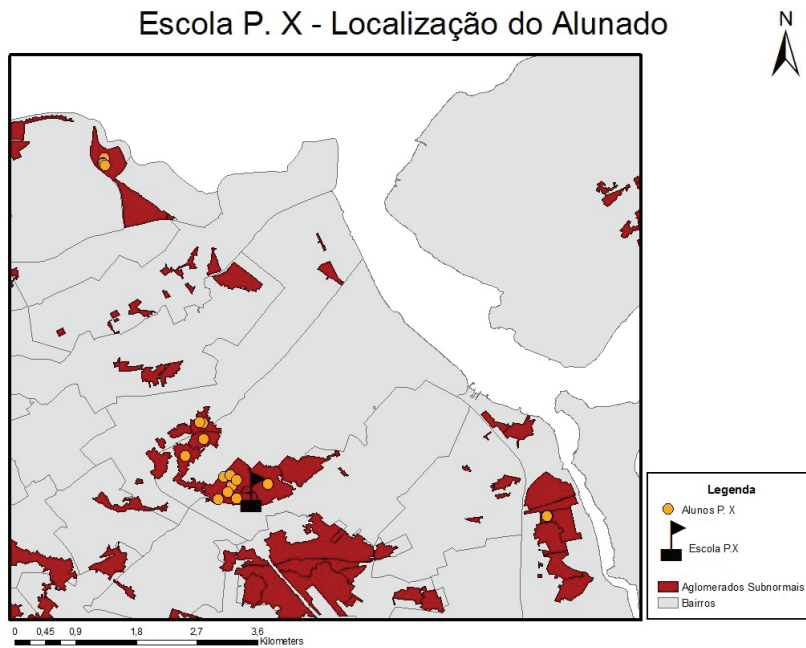


Nos mapas acima, observamos tendências similares: as escolas “P. A”, “P. B” e “P. C” recebem principalmente alunos dos bairros em que estão localizadas. Alguns alunos são oriundos de bairros vizinhos, configurando um investimento dos pais de colocar seus filhos em escolas mais distantes de sua moradia. Além disso, existem alguns alunos moradores de favela. A escola “P. A” apresenta um pequeno quantitativo de alunos provenientes da favela localizada no bairro vizinho ao da escola¹. Já a escola “P. B” recebe alguns alunos que residem em uma favela considerada pequena, além de ser menos violenta e ter tráfico drogas bem menos intenso que as favelas do seu entorno e, em menor quantidade, alunos que residem próximos à favela que os alunos da escola “P. A” também residem e de um complexo de favelas localizado nas proximidades da escola. Por fim, a escola “P. C” também recebe alguns alunos de favela, em sua maioria, residentes da favela que se localiza a um quilômetro de distância.

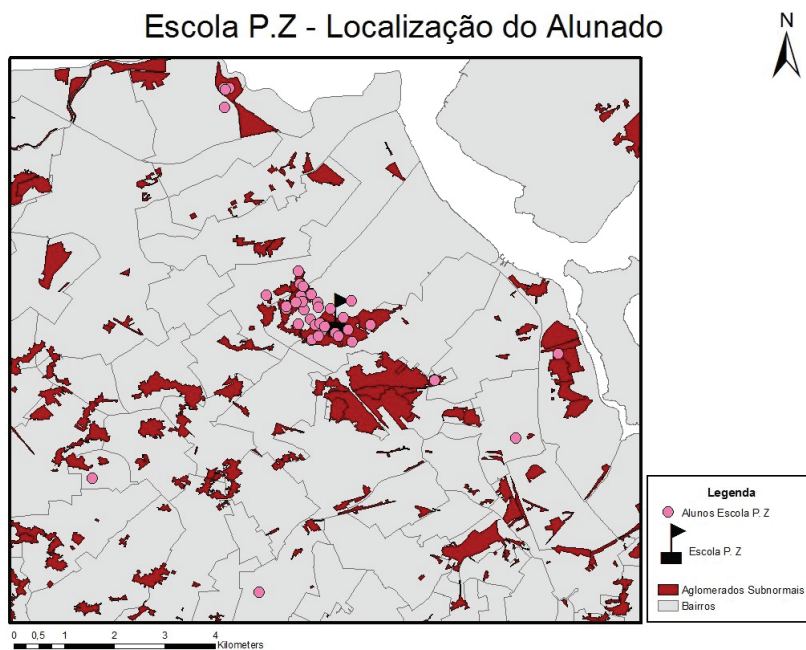
Os mapas a seguir mostram a dispersão dos alunos que frequentam as escolas “P. X” e “P. Z”:

1. Os pontos que indicam alunos não significam um aluno apenas, já que no mesmo endereço (rua, ruas próximas, favela) pode haver mais de um caso. São pequenos agrupamentos de alunos.

MAPA 5. Local de moradia dos alunos da escola “P. X”



MAPA 6. Local de moradia dos alunos da escola “P. Z”

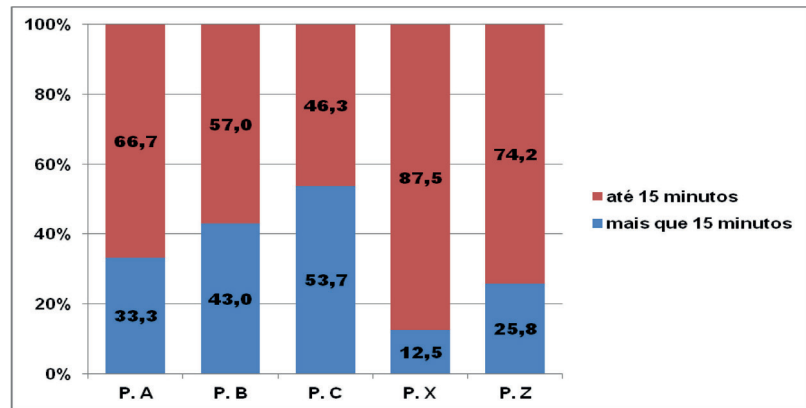


No Mapa 5, observamos que a maioria dos alunos da escola “P. X” reside no complexo de favelas onde a escola se localiza. No entanto, alguns alunos residem em favelas mais afastadas.

O Mapa 6 apresenta a localização de moradias dos alunos da escola “P. Z”, que fica no final de uma das vias mais conhecidas e movimentadas do bairro que a escola se localiza. A maior parte dos alunos desse estabelecimento reside nas favelas próximas. Nota-se que a escola “P. X” também recebe alunos que vivem em outros bairros e em outras favelas.

De fato, as escolas “P. A”, “P. B” e “P. C”, tendem a receber alunos que moram mais longe dessas escolas, como mostra o gráfico abaixo:

GRÁFICO 5. Distribuição de alunos em cada escola de acordo com o tempo do percurso casa-escola



Fonte: Banco de dados da SME.

As escolas “P.X” e “P. Z” possuem mais alunos que residem próximos, a menos de 15 minutos da escola. No entanto, os alunos que não moram no complexo de favelas onde as escolas estão localizadas são oriundos de outras favelas, muitas vezes mais próximos das escolas “P. A”, “P. B” e “P. C” do que das escolas “P. Z” e “P. X”.

Por que este padrão de distribuição de alunos entre as escolas ocorre? Se por um lado podemos pensar que as escolas “P. A”, “P. B” e “P. C” são mais buscadas por famílias educógenas à procura de estabelecimentos de melhor qualidade relativa, o mesmo argumento não parece plausível para explicar a mobilização de famílias de favelas distantes para as escolas “P. Z” e “P. X”. Os resultados encontrados sugerem que os alunos de favela possuem menos acesso as escolas “de asfalto” e que estas chances estão relacionadas não só à escolha dos pais, como a mecanismos pelo lado da oferta, ou por parte da burocracia escolar, na distribuição de alunos.

Esses mecanismos são investigados de forma mais detalhada no segundo estudo que buscou desvendar os procedimentos e justificativas oferecidas por escolas pertencentes a um polo de matrícula para distribuição de alunos de diferentes perfis entre escolas do segundo segmento do Ensino Fundamental. Tendo em vista que o sistema não incentiva a competição por alunos, a hipótese inicial era de que as escolas de segundo segmento selecionavam o alunado com vistas à manutenção do perfil que o estabelecimento educacional já apresentava, em termos de desempenho acadêmico ou prestígio perante a comunidade que atende.

A partir dos dados da SME e da Prova Brasil, selecionamos um polo de escolas, próximo ao do primeiro estudo, que apresentou grande movimentação de estudantes entre escolas que oferecem o 1º e o 2º segmento do Ensino Fundamental; localizado em uma região da cidade com grande demanda por vagas em escolas públicas e grande diversificação de escolas em termos de nível socioeconômico e desempenho dos alunos. A tabela abaixo mostra o perfil das escolas do polo de matrícula foco do estudo:

TABELA 2. Perfil das escolas de acordo com performance da escola perfil socioeconômico e trajetória escolar do alunado*

	Alunos no banco de dados	Prova Brasil Padronizada (média 2005, 2007 e 2009)	Máxima educação dos pais (média)	Cor Branca (%)	atraso (%)
Escola A	16	6,06	2,7	68,7	6,3
Escola B	30	5,89	2,4	39,2	16,7
Escola C	41	5,72	2,5	42,5	17,1
Escola D	24	5,18	2,3	53,3	45,8
Escola E	17	4,71	1,9	61,5	58,8
Escola F	64	4,63	1,9	32,8	40,6
Total	192				
Escola I	24	5,89	2,8	58,3	4,2
Escola II	22	4,64	2,3	25,0	18,2
Escola III	16	4,46	2,1	44,4	56,3
Escola IV	75	4,43	1,9	40,8	45,3
Escola V	55	4,30	2,3	46,2	21,8
Total	192				

Fonte: Banco de dados SME e Prova Brasil (MEC/INEP).

* Foram considerados somente os alunos que estavam em 2008 no 5º ano em escolas do 1º segmento do polo estudado e estavam em 2009 no 6º ano em escolas do 2º segmento do polo. Alunos que foram reprovados e que saíram do polo ou foram para o 2º segmento de outros polos não estão contemplados na tabela.

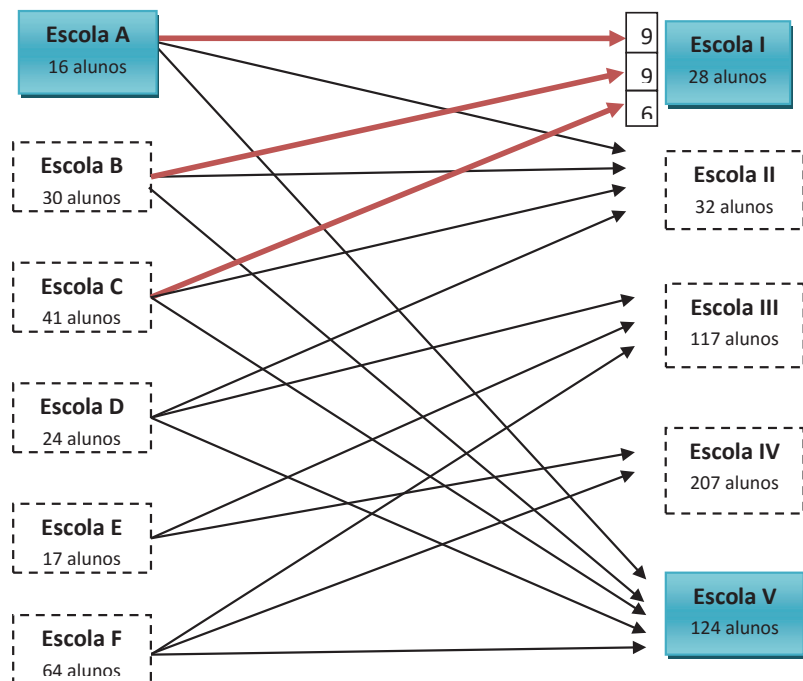
Nota: A variável "atraso" mostra a porcentagem de alunos com um ou mais anos de atraso. A "máxima educação dos pais" é uma variável ordinal, cuja escala vai de 0 (zero), para ausência de escolarização, até 4, para Ensino Superior.

As seis primeiras escolas (Escola A à Escola F) atendem apenas ao primeiro segmento do Ensino Fundamental e as demais oferecem o segundo segmento ou ambos segmentos do Ensino Fundamental (Escola I a Escola V). A tabela 2 nos permite visualizar o perfil das escolas – há uma nítida hierarquização das escolas no que diz respeito ao desempenho escolar e o perfil do alunado (escolarização dos pais, cor e trajetória escolar). As escolas A e I, por exemplo, são as que mais se destacam em termos de desempenho na Prova Brasil, que apresentam maiores médias de nível de escolarização dos pais dos alunos e a maioria dos alunos

são brancos e não estavam em situação de atraso escolar. No outro extremo, as escolas D, E, F, III, IV e V possuem as notas mais baixas na Prova Brasil, apresentam as médias mais baixas de escolarização dos pais e maior porcentagem de alunos em situação de atraso escolar. Como no primeiro estudo apresentado, os dados indicam estratificação entre tais escolas de Ensino Fundamental. Neste caso, todas as escolas pertencem ao mesmo polo de escolas.

Essa diferenciação entre as escolas nos pareceu o primeiro indício da presença de seleção do alunado. O fluxograma abaixo apresenta a movimentação dos alunos entre as escolas que oferecem primeiro e segundo segmento do Ensino Fundamental:

FLUXOGRAMA 1. Movimentação dos alunos entre escolas de 1º e 2º segmento



O fluxograma acima mostra que somente as escolas A, B e C enviam alunos para a escola I, a escola que apresentou a nota mais alta na Prova Brasil entre as escolas de segundo segmento do polo estudado. As análises realizadas mostraram que alunos mais frequentemente conseguem vagas em escolas com desempenho e prestígio similar a suas escolas de origem. O próximo passo foi investigar qual o perfil dos alunos que mais frequentemente conseguem vagas na escola de alto desempenho¹, na transição de primeiro para segundo segmento, de 2008 para 2009. Os gráficos abaixo indicam a diferenciação do perfil dos grupos em relação à média de escolarização dos pais e distorção idade série.

1. Para o propósito do exercício realizado neste estudo as escolas A, B e I foram consideradas escolas de alta performance e as demais escolas foram consideradas como baixa performance relativa.

GRÁFICO 6. Média de escolaridade dos pais por tipo de movimentação

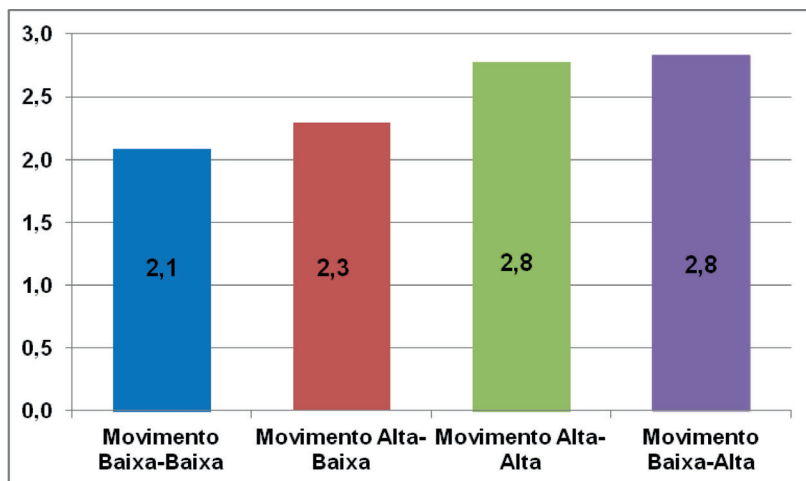
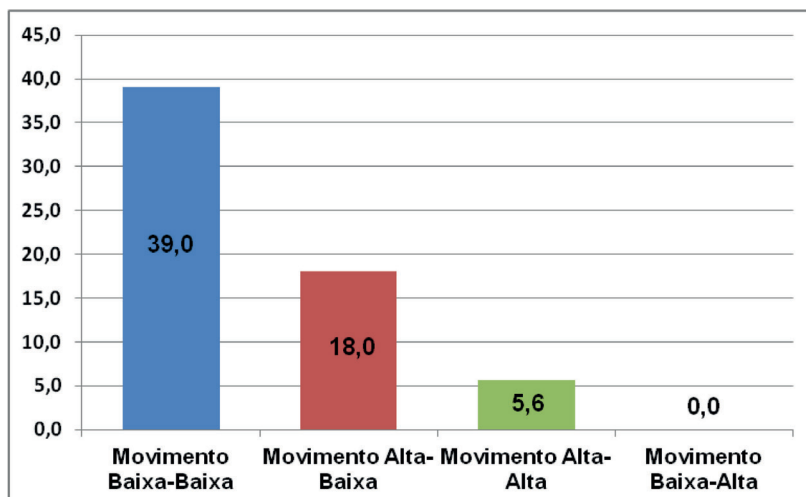


GRÁFICO 7. Porcentagem de alunos em atraso escolar por tipo de movimentação



Os alunos que permanecem em escolas de baixa performance (movimento baixa-baixa), por exemplo, são aqueles cujos pais possuem a menor escolarização e mais frequentemente estavam em situação de atraso escolar. Já os alunos que estudavam em uma escola de alta performance e ingressaram em um estabelecimento de baixa performance no segundo segmento (movimento alta-baixa) apresentam pais com escolaridade maior que o primeiro grupo, mas menor do que os alunos que permanecem em escolas de alta performance. Observamos também que 18% dos alunos estavam em situação de atraso, porcentagem menor do que a dos alunos que realizaram o movimento baixa-baixa e maior do que os alunos que realizaram o movimento alta-alta. Ainda neste gráfico, destaca-se a porcentagem de alunos que estudavam em escola de baixa performance e migraram para instituições com melhores desempenhos (movimento baixa-alta): são alunos cujos pais apresentam maior nível de escolarização e nenhum deles estava em situação de atraso.

Essas análises preliminares quanto ao perfil das escolas – seu processo de composição e as características do seu corpo discente – nos ajudaram a identificar as escolas mais interessantes para a realização de entrevistas semiestruturadas. Com intuito de compreender a percepção da burocracia escolar sobre o perfil do alunado, realizamos entrevistas com uma escola de primeiro segmento (Escola A) e duas escolas de segundo segmento em posições opostas em termos do desempenho na Prova Brasil e perfil do alunado que recebem (Escola I e Escola V¹). A hipótese inicial era de que a burocracia escolar teria uma percepção acerca do perfil dos seus alunos, de acordo com as características de sua escola em relação ao desempenho no Prova Brasil e escolaridade dos pais.

1. A diretora entrevistada nesta escola não permitiu a gravação da entrevista. Ao final do encontro, a pesquisadora produziu um relatório sobre o relato.

De acordo com o diretor da Escola I, esta escola é bastante disputada, especialmente na “porta de entrada” do segundo segmento, o 6º ano. O diretor ressalta o prestígio da escola perante a comunidade a que atende e fala ainda que os responsáveis dos alunos de sua escola estão cada vez mais antenados no IDEB.

A maioria que vem procurar a escola, vem pela fama da escola. Que é uma escola boa, que os alunos saem bem preparados, eles dão muito mais valor do que o IDEB, é a aprovação que a gente tem. Então todo ano tem aprovação pro FAETEC, CEFET, Pedro II (...). E isso tudo a comunidade sabe ou comenta... “fulano estudava lá, passou pro CEFET”, “fulano estudava lá, passou pro Pedro II”. Aí acho que a procura maior por causa disso. Por causa dos resultados que a escola obtém nesses concursos de acesso à escola de Ensino Médio. Mas o IDEB está cada vez mais, digamos, cada vez um maior número de responsáveis está a par disso daí. Eu já tive pai que entrou aqui dizendo que queria matricular a filha aqui, porque essa escola tem melhor IDEB. O pai sabe disso (DIRETOR I).

Além disso, a Escola I segue, ao longo dos anos, sendo reconhecida pelo seu trabalho pedagógico. Sua fama de ser “conteudista” atrairia um determinado público, mais preocupado com a trajetória acadêmica.

(...) a escola sempre foi muito conteudista. E continua sendo conteudista. Mesmo quando a diretora da Secretaria Municipal de Educação – leia-se governo anterior – não tinha essa diretora. A gente já tinha. Preocupado com o quê? Exatamente com prova de CEFET, FAETEC. Com essa molecada de classe média, que a gente tem aqui no entorno. A gente tem aqui, claro, meus alunos vão da classe C a classe E. Mas tem muito aluno da classe C (DIRETOR I).

Alinhada a essa preocupação, a escola também busca manter determinadas regras que chamam a atenção de alguns responsáveis acerca de regras quanto ao uniforme, conduta e rotina na escola. Os pais e alunos devem estar condizentes a estas regras.

Diretor I: Uma coisa que eu achei legal nesse conjunto de medidas [as implementadas pela Secretaria Municipal de Educação] é que o visitante tem que se adequar a casa e não o contrário. Eu canso de falar com eles [alunos], se eu for a casa de vocês um dia, se eu tiver esse prazer, se for pra tirar o sapato na porta, eu vou tirar o sapato na porta. Se eu só puder sentar ali, eu só vou sentar ali. Então vocês, quando vem à escola, é a mesma coisa. Aqui só pode entrar de calça comprida.

Entrevistadora: Tem que se adequar às regras.

Diretor: Exatamente. Se não quiser, você procura outra escola, não tem problema. Então, essas disciplinas, essas regras, também ajudam muito. (...) As meninas vêm de tênis rosa, elas [coordenadora pedagógica e diretora adjunta] falam: “Vem cá, você não tem um tênis branco, um tênis preto? Isso aqui não é desfile de moda, não é pra vir com tênis bonitinho”.

Diretor: (...) Você deve ter reparado que o muro da escola não tem uma pichação. (...) Os meus alunos não picham. A maioria pelo menos... um ou outro que a gente acaba pegando, né, e chamando o responsável e coisa e tal. (...) É um trabalho que vem de mais de 20 anos, de conscientização, de chamar responsável, e o aluno erra de novo, chama de novo e enche o saco. “Ah, não trouxe? Não entra na sala”. E “não fica sem fazer nada, não, vem pra cá”. Eles trabalham muito mais quando a gente chama o responsável, por quê? Eles ficam lá com a [coordenadora pedagógica], e ela enche eles de coisas... (...) “Você tem aula de quê? De História?”. Aí pergunta da [coordenadora pedagógica] para a professora de História: “Você tá dando o quê?”. “Tô dando isso, isso e isso”. “Ah, legal”. “Então pega, isso, isso e isso. Tá nessa página aqui. Daqui tá a resposta, daqui quero que responda esse questionário. Pega esse aqui. Aproveita e faz outro. Depois é aula de quê, de inglês?”. Acaba que, se o garoto veio pra não estudar, ele não fica...

Entrevistadora: ... vai mudar de ideia, né.

Diretor: Eles não ficam de bobeira. A gente arruma alguma coisa para eles fazerem. E a maioria, como eu te disse, é muito interessado. Eu tinha uma estagiária que ajudava na sala de leitura, que tiraram da gente pra remarcar pra outra escola. Aí no final de julho, ainda no final daquela última semana de aula, eu fui lá, porque eles estavam querendo devolver livro. Eu fiquei impressionado.

Entrevistadora: Com a quantidade de aluno lendo.

Diretor: ô! Você abre assim, 1601, tááá, uma folha, duas, três, quatro! Eu falei “Caramba!”. Mas essa molecada lê pra caramba.

O diretor reforça que os pais são mais participativos e envolvidos com a vida escolar dos filhos e isso faz diferença:

Quando o pai participa, quando o pai tá ali, quando o pai se interessa – quando digo pai, é pai e mãe, avó, o responsável – quando o responsável participa, é infinitamente melhor. (...) Então as famílias aqui, na maioria, é claro, não são todas, as famílias são participativas e isso é um diferencial que a escola tem com certeza (DIRETOR I).

Na passagem abaixo, verificamos a “aprovação” do diretor da Escola I para com o grupo seletivo a ser enviado para sua escola, quando questionado sobre uma possível existência de seleção do corpo discente com base no perfil favorável para o trabalho escolar:

(...) E evidentemente já faz com que a gente largue em vantagem. Porque você recebe teoricamente [ênfase dele] – isso nas escolas que têm essa preocupação, não são todas. Por exemplo, te falei, tem escola que faz sorteio. Sorteio é sorteio. Agora tem escola, que a direção tem essa preocupação. Pra quê que eu vou mandar pra Escola I um aluno que não quer nada? Porque ele vai chegar lá e quebrar a cara... Vai ficar reprovado e vai embora. Então eles já encaminham sabendo que a escola tem esse, esse... perfil (DIRETOR I).

De acordo com o diretor I, a Escola A está localizada mais próxima ao seu estabelecimento e, por essa razão, teria uma maior demanda por parte dos alunos. Mas como vimos na análise dos perfis dos estabelecimentos, ambas as escolas possuem características semelhantes, o que poderia indicar a manutenção de um padrão desejado não só pelas escolas, mas também pelas famílias¹. A fala da coordenadora pedagógica da Escola A revela isso:

1. As escolas I e A são, de fato, bastante próximas, mas por ser tratar de um polo de matrícula, todas as escolas contam com proximidade geográfica.

Sabe por que eles [famílias dos alunos] preferem a Escola I? Porque a Escola I é pequenininha igual a nós. Igual a nossa escola, entendeu? Então eles ficam assim enlouquecidos querendo que haja uma continuidade do trabalho que foi feito aqui, poucas turmas (COORDENADORA PEDAGÓGICA A).

Quando questionada sobre a escolha que os pais fazem sobre as escolas de segundo segmento, e foi explicado que a Escola I é bastante procurada sendo necessário, inclusive, fazer sorteio para o remanejamento, a entrevistada explicou que o envolvimento e preocupação dos pais com a vida escolar dos filhos é um diferencial em sua escola, como é na Escola I também.

Eu te falei do lance do tamanho, mas também tem uma outra coisa, opinião minha. Vamos falar de Pedro II, que todo mundo fala que é uma escola maravilhosa? Porque é uma escola maravilhosa, todo mundo procura! Todo

mundo quem? Todo mundo que tá preocupado com a educação do seu filho. Então quem vai tá lá, vem de uma família que tá, no mínimo, preocupado com a educação dele. (...) Então não é igual a matrícula do município, que você vai normalmente para mais próximo de casa, não é bem assim. (...) Não vou te dizer que é mais fácil trabalhar lá [no Colégio Pedro II]. Ou vou te dizer? Não, eu vou te dizer sim! Claro que é mais fácil trabalhar com essa clientela, porque você sabe que pode contar com o pai, com a mãe, entendeu, chama, eles vêm. (...) Então algumas escolas do município, acho que a Escola 1 acontece muito isso também. Quem vai procurar? Quem quer o melhor para o seu filho. Então a Escola A também tem gente que não mora por aqui, mas quer que o filho estude aqui, porque já conhece a escola. Sabe que daqui sai um aluno mais bem preparado e tudo mais (DIRETORA ADJUNTA A).

No outro extremo, a diretora da Escola V explicou que a rotatividade de alunos nesta escola é grande devido ao alto índice de evasão (muitas meninas engravidam) e repetência. Além disso, nota-se a diferença do perfil do alunado desta escola em relação às outras duas quando a diretora V ressalta que os alunos que são remanejados para a Escola V são, geralmente, muito fracos em termos de formação escolar. Como apresentado anteriormente, estes alunos são oriundos de escolas de primeiro segmento de baixo desempenho, muitos em situação de atraso e com pais com baixa escolaridade. Em relação aos alunos transferidos ao longo do ano letivo, muitos apresentam problemas de disciplina em outras instituições escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dos trabalhos exploratórios acima descritos indicam mecanismos semelhantes à formação de *trackings*, em países que adotam tal forma de ordenamento de seus fluxos escolares e de sua distribuição de oportunidades em sistemas estratificados. Não podem ser tomados como resultados conclusivos, dada a escassez de casos neste estudo. Falta, para mencionar um elemento central na apreciação da problemática da desigualdade de oportunidades escolares associada a caracteres adscritos, entre outros, controlar o desempenho individual dos estudantes, indicativo de seu aprendizado escolar. Falta, entre outras, medida mais adequada de nível socioeconômico familiar dos alunos, restritos que estamos, por ora, a usar a escolaridade dos responsáveis. Aspectos como cor, nível socioeconômico, local de residência ou sexo (não contemplado nessa análise, mas potencialmente relevante) ficarão com seus efeitos mais nítidos quando forem cotejados com o desempenho individual dos alunos em testes externos ou na avaliação interna de suas escolas. Quão fortes serão as “desigualdades duráveis”, ancoradas em características dicotômicas, quando controladas pelo desempenho efetivo dos alunos?

No entanto, mesmo essas primeiras evidências da exploração dos mecanismos de fluxos de alunos ou de distribuição inicial de oportunidades já sugerem preocupantes desafios à formulação de políticas educacionais dedicadas à questão da equidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fatima. Escolhas Familiares, Estratificação Educacional e Desempenho escolar: quais as relações? **Dados**, v. 53, n.2, p. 447-468, 2010.

ALVES, Maria Tereza Gonzaga; SOARES, José Francisco. Efeito-escola e estratificação escolar: o impacto da composição de turmas por nível de habilidade dos alunos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 45. p. 25-58, jul. 2007.

BELL, Courtney. **All Choices created equal?** How good parents select “failing” schools. Disponível em: <http://www.ncspe.org/publications_files/OP106.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2008.

BERENDS, Mark; ZOTTOLA, Genevieve. C. Social Perspectives on School Choice. In: BERENDS, Mark et alli (Org.) **Handbook of Research on School Choice**. New York/London: Routledge, 2009. p.35-53.

BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco (Orgs.). **Pesquisa em Eficácia Escolar: Origem e Trajetórias**. Editora da UFMG, 2008.

BRUEL, Ana Lorena O.; BARTHOLO, Tiago. **Desigualdade de oportunidades educacionais na rede pública municipal do Rio de Janeiro**: transição entre os segmentos do ensino fundamental. Trabalho apresentado na 34a Reunião Anual da ANPED, Natal, 2011. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT14/GT14-914%20int.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

COSTA, Marcio; KOSLINSKI, Mariane C. Prestígio escolar e composição de turmas – explorando a hierarquia em redes escolares. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 40, 2008.

_____. Quase-mercado oculto: a disputa por escolas “comuns” no Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n.142, p. 246-266, jan/abr, 2011.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FORQUIN, Jean Claude. “Sociologia das desigualdades de acesso à educação: principais orientações, principais resultados desde 1965”. In: **Sociologia da Educação** – dez anos de pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1995.

HOLME, Jennifer. J. Buying homes, buying schools: school choice and the social construction of school quality. **Harvard Educational Review**, v. 72, n.2, p.177-205, jun. – ago. 2002.

KOSLINSKI, Mariane C.; BRUEL, Ana Lorena O.; BARTHOLLO, Tiago; COSTA, Marcio. Caminho Marcado: transição entre escolas públicas municipais na cidade do Rio de Janeiro. **Educação em Foco** (Juiz de Fora), v. 18, p. 83-115, 2014.

KOSLINSKI, Mariane C.; CARVALHO, Julia Tavares. Escolha, seleção e segregação nas escolas municipais do Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa** (Fundacao Carlos Chagas), v. 45, p. 916-942, 2015.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: A ação discreta da riqueza cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n. 7, p.42-56, jan.-abr. 1998.

RIBEIRO, Luiz Cesar Queiroz; KOSLINSKI, Mariane C.; ALVES, Fatima; LASMAR, Cristiane (orgs.) **Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.

RIBEIRO, Luiz Cesar Queiroz; LAGO, Luciana. A Oposição Favela-Bairro no Espaço Social do Rio de Janeiro. **São Paulo em Perspectiva**, v.15, n.1, pp. 144-154, 2001.

ROSISTOLATO, Rodrigo; PRADO, Ana Pires do; KOSLINSKI, Mariane C. ; CARVALHO, Julia Tavares ; MOREIRA, Amanda M. . Dinâmicas de matrícula em escolas públicas na cidade do Rio de Janeiro. **Pró-Posições** (UNICAMP. Impresso), v. 27, p. 237-262, 2016.

TAYLOR, Chris; GORARD, Stephen. The role of residence in school segregation: placing the impact of parental choice in perspective. **Environment and Planning A**, v. 33, n. 10, p. 1829-1852, 2001.

TILLY, Charles. **Durable Inequality**. California: University of California Press. 1998.

VAN ZANTEN, Agnes. Efeitos da Concorrência sobre a Atividade dos Estabelecimentos Escolares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 565-593, set.-dez. 2005.

YAIR, Gad. School Organization and Market Ecology: a Realist Sociological Look at the Infrastructure of School Choice. **British Journal of Sociology of Education**, v. 17, n. 4, p. 453-471, 1996.